

TRANSCRIÇÃO – HISTÓRIA ORAL (4º TRIMESTRE/2017)

1: Entrevistador

2: Entrevistado

2: É, eu saí de Minas quando eu era criança né, é... e cresci aqui na Aldeia Vanuíre. E... é... sobre a parte, assim, da nossa cultura, foi muito difícil pra nós, porque nós *tava* num território que não tinha nada a ver *com nós*, né, nosso povo Krenak. Foi muito difícil, mas só que com muita luta, muito esforço a gente conseguiu né, resgatar a nossa cultura e estão ainda tentando.

1: E cê aprendeu com quem? Com a sua mãe? Sua mãe que passou a cultura para você?

2: É, eu aprendi um pouco com a minha mãe, um pouco com uma tia minha também, né, a gente aprendeu. No começo não foi fácil, né, dela... deles *passar* pra nós, ah, os cânticos, os passos das danças, até a própria fala da língua não foi fácil, porque quando a gente foi perguntar pra ela, foi falar pra ela que a gente ia resgatar a nossa cultura, que nós queria nossos cânticos, nossas danças, elas falaram pra nós que não iam ensinar. A gente insistiu muito e elas falaram que não. Porque senão nós *ia* sofrer a mesma coisa que eles sofreram, porque foi proibido de falar a língua, foi proibido de cantar na língua, fazer a nossa cultura. Aí eu falei com ela "Não mãe, ensina nós, porque hoje o branco não é mais como antigamente. Tem muitas pessoas ainda que querem nos ajudar", mas foi com muita luta e com muito custo que ela decidiu a nos ensinar. Aí ela passou ensinando pra nós.

1: E foi você que passou para os seus filhos? Ou ela também participou da... dessa transferência da cultura?

2: Ela... Ela não, assim, é, participou diretamente assim dançando e cantando junto com nós, mas sempre *tava* presente lá junto. Quando a gente ia fazer a apresentação ela sempre estava lá presente, é, explicando,

falando, apoiando nós, né. Mas a minha tia, ela... ela... ela que ensinou os passos no meio de nós, chamou nós, fez um círculo de roda ali e começou a ensinar para nós os passos e os cânticos, né. Ela que ensinou.

1: E com relação à língua, é... vocês aprenderam tudo do zero mesmo? Vocês não sabiam nada?

2: É, praticamente tudo do zero. Inclusive, até quando ela e a minha tia *ia* conversar em língua, quando a gente era pequeno, elas conversavam quase, tipo assim, reservada, quando nós não estávamos ali junto com elas. Quando nós *se aproximava* elas paravam de conversar, porque a gente não entendia o porquê que elas paravam de conversar sendo que nós não entendia nada do que elas falavam. Depois a gente foi entender o porquê. Porque elas não queriam que a gente aprendesse a falar como elas estavam falando para *nós não sofrer* o que elas sofreram. Depois a gente foi entender isso, né. Muitas das vezes a gente não entendia o porquê que quando elas estavam falando em língua, é, conversando as duas ali em língua, quando a gente se aproximava elas paravam, não falavam mais. Então aí a gente foi entender o porquê. Então, e quando a gente começou, é... elas ensinaram para nós, começou... começou do zero, do zero né. A gente começou a falar com ela, a gravar. A gente tinha, naquela época a gente tinha um gravadorzinho, pegava um gravadorzinho, gravava as falas dela e a gente, é... umas iam gravando, outros iam escrevendo da maneira que *nós sabia* escrever, *nós escrevia* da nossa maneira. Aí todas as noites *nós era* como se fosse uma tarefa de escola, toda noite *nós lia* e *relia* aquelas palavras que elas ensinavam para nós. Então a gente, é... sempre *tava* reunido duas ou três vezes por semana, é, fazendo isso aí. A gente começou praticamente do zero.

1: E esses encontros que vocês fazem com o pessoal lá de Minas Gerais... Vocês percebem, é, muita diferença de questão, assim, cultural, ou não, deu para manter a cultura exatamente como era lá em Minas Gerais?

2: É, deu para... É, dá para perceber que, que nós, é, conseguimos sim a se igualar igual eles. Não tem diferença nenhuma. Língua, é, os passos das danças, até na alimentação não tem diferença. É tudo igual.

1: E quando vocês fazem esse reencontro é sempre uma festa grande?

2: É uma festa grande. É uma festa grande. É um fortalecimento para nossa cultura também e como para eles também. Sempre quando a gente tá se encontrando lá ou aqui eles falam que é fortalecimento para eles também.